



# A VISUALIDADE DA FOME

■ LUCIANA MARTINS

Professora em Culturas Visuais Latinoamericanas, Birkbeck, University of London. l.martins@bbk.ac.uk

Recebido em: 07/02/2022

Aprovado em: 04/06/2022



O livro de Archie Davies oferece uma releitura convincente da vida e obra do geógrafo brasileiro Josué de Castro, colocando-o no centro da história do pensamento geográfico no século XX. Baseando-me na abordagem biográfica de Davies, que considero muito frutífera, gostaria de recorrer a alguns exemplos do arquivo visual brasileiro que complementam o rico quadro do contexto sociocultural apresentado por Davies, que fermentou as ideias de Castro. Como Davies bem coloca no Capítulo 3 – O ‘Grito no Sertão: Arte e o Universal na Geografia da Fome’ – em vez de traçar influências, trata-se de seguir os fios de

uma conjuntura compartilhada, na qual eles [Castro e seus colegas artistas] participaram da criação, na prática intelectual e artística da esquerda no Brasil em meados do século, de uma preocupação com a fome que produziu uma interpretação distinta de sua política e espacialidade (Davies 2022, p.94)

Gostaria de começar pelo retrato de Castro, feito pelo pintor brasileiro João Candido Portinari (Figura 1). É na verdade “um esboço delicado”, como diz Davies, exibindo vestígios de um retrato que permaneceu inacabado (Davies 2022, p.93). No entanto, este provavelmente não foi um esboço rápido, como afirma Davies. Em primeiro lugar, trata-se de um desenho bastante grande, de 39.00 x 51.50 cm, o que indica a intenção de Portinari de dedicar algum tempo nesta imagem; e em segundo

lugar, foi cuidadosamente elaborado e não apenas um estudo inconsequente. Produzido em 1936, quando Castro era um professor de antropologia de 28 anos na Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro, o desenho capturou habilmente o olhar preocupado de um jovem já profundamente preocupado com o problema da fome no Brasil. Castro escreveu sua tese de livre docência sobre o problema fisiológico da má nutrição no Brasil em 1932. Como aponta Normando Jorge de Albuquerque Melo (2010, p. 149), quando Castro publicou sua tese como livro em 1939, ele omitiu o 'fisiológico', sinalizando a ampliação da dimensão sociocultural e política da sua compreensão da questão da fome.



Figura 1. Retrato de Josué de Castro, João Candido Portinari, 1936, carvão sobre papel, 39 x 51,5 cm, FCO 4025, Catálogo Raisoné: CR-627 [<http://www.portinari.org.br/#/acervo/obra/4025/detalhes>]

Filho de imigrantes italianos, Portinari nasceu em 1903 numa fazenda de café em Brodowski, no interior de São Paulo. Ele testemunhou a brutalidade do sistema latifundiário no Brasil e a miséria da migração nordestina para os centros metropolitanos do Sudeste brasileiro. Em uma de suas pinturas da série 'Retirantes' (Figura 2), que Davies examina com sensibilidade em seu livro, os corpos emaciados da família dos migrantes, com as roupas em farrapos, são retratados nos mesmos tons da paisagem seca, seus olhares sem esperança ou direção (Davies 2002, p.94). Os abutres

enquadram o grupo familiar, enquanto a barriga proeminente do menino à direita indica a Esquistossomose, doença causada por vermes parasitas encontrados nos reservatórios de água suja da região. Mesmo na versão em inglês desse comentário eu mantenho o título 'Retirantes' em português porque a palavra inglesa 'migrants' não transmite a associação específica com a dura realidade nordestina. No Brasil, os "migrantes" deslocam-se de qualquer lugar, enquanto os retirantes referem-se especificamente àqueles forçados a deixar o Nordeste devido às suas condições adversas. O fato de uma palavra específica ser usada para se referir a esse fenômeno recorrente diz muito sobre seu impacto na dinâmica do espaço, da cultura e da sociedade no Brasil.



Figura 2. Retirantes, João Candido Portinari, 1944, óleo sobre Canvas, 190 x 180 cm, MASP, São Paulo, Brasil

Imagens de fome e miséria estavam, portanto, longe de ser uma novidade no país. Em 1878, o fotógrafo Joaquim Antônio Correia, cujo estúdio estava instalado em Fortaleza, no Ceará, produziu uma série de 14 *cartes-de-visite* mostrando os efeitos

devastadores da seca de 1877-1878 na região Nordeste. Uma litografia baseada em duas daquelas imagens do cartunista português Rafael Bordalo Pinheiro foi reproduzida na revista *O Besouro* em 20 de julho de 1878 (Figura 3). Segurado por uma mão esquelética da morte, a caricatura chama a atenção para o “estado da população retirante”, criticando aqueles que lhes enviavam “farinha falsificada”, especulando com a sua miséria. Dirigindo-se diretamente a “Sua Majestade, o Senhor Governo e os Fornecedores”, Bordalo tentou chamar a atenção para a trágica situação na região. Mencionou o seu “amigo e colega”, o jornalista João do Patrocínio, que lhe forneceu as fotografias originais, as quais ele obteve durante a sua viagem ao Nordeste para reportar a extrema pobreza da região (Andrade e Logatto, 1994).

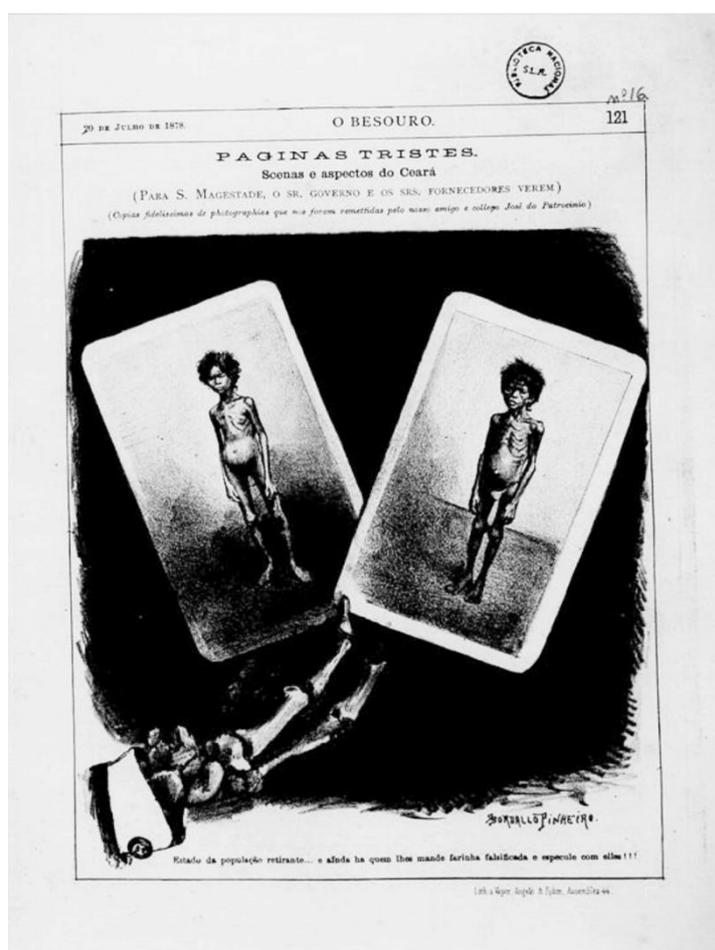


Figura 3. ‘Páginas Tristes’, *O Besouro*, 20 de junho de 1878, Fundação Biblioteca Nacional

Mais de trinta anos depois, em 1911-1913, o Instituto Oswaldo Cruz, com sede no Rio de Janeiro, empreendeu um levantamento pioneiro das condições de vida das populações do interior do Brasil. A fotografia de José Teixeira retratando um moinho de farinha de mandioca (alimento básico do Nordeste, junto com a carne-seca) em

Jatobá, na Bahia, tirada em uma das expedições de saúde pública solicitadas pela Inspeção de Obras contra a Seca, dá visibilidade à pobreza e às condições miseráveis da população (Figura 4). Representando crianças de diversas idades trabalhando com roupas esfarrapadas e pés descalços, tendo ao fundo um homem mais velho, muito provavelmente o pai, um muro tosco de taipa. Liderados por Belisário Penna – reformador sanitário e intelectual que acreditava que 'os verdadeiros obstáculos ao progresso nacional residiam tanto na precariedade das condições de saúde quanto na falta de educação pública' (Santos e Figueiredo, 2012) – e Arthur Neiva – médico especializado em profilaxia e entomologia médica – esta expedição, juntamente com as outras quatro à região Amazônica e Centro-Oeste, produziu um arquivo visual que expôs o imenso abismo entre as fantasias metropolitanas de integração nacional e as duras realidades da vida cotidiana no interior do Brasil (Martins, 2013 p.5-6). Na verdade, Penna e Neiva reclamaram para os nordestinos o conceito de "Brasil" como nação não existia. (Thielen et al., 1991 p. 56).



Figura 4. Moinho de farinha de mandioca. Jatobá (BA), junho de 1912. Instituto Oswaldo Cruz, IOC (AC-E) 2-29.

Em 1923, Penna foi convidado pelo então Presidente do Estado de São Paulo, Washington Luís, para produzir obras relacionadas à educação e saúde. O folheto educativo *Higiene para o povo: Amarelão e Maleita*, publicado em 1924, destinava-se aos alunos do ensino primário (Carvalho, 2021, p.5). Nele, a figura do 'Jeca Tatu' teve sua vida transformada pelos milagres do saneamento (Figura 5). Jeca Tatu,

popularizado pelo escritor Monteiro Lobato, era o estereotipado camponês do interior de São Paulo (caipira), considerado o causador de seus próprios fracassos. Para Belisário Penna, foi a doença e não o seu carácter preguiçoso que atrapalhou o progresso dele.



Figura 5. A transformação de Jeca Tatu, Belisário Penna, Amerelão e maleita (São Paulo, 1924)

Uma compreensão diferente do enigma brasileiro foi apresentada pelo intelectual Mário de Andrade, com quem Castro manteve uma correspondência significativa. Como salientam Nísia Trindade Lima e André Botelho, a “empatia” pela população foi fundamental para compreender a abordagem crítica de Mário de Andrade: em vez da vontade de integrar as populações “atrasadas” num projeto nacional enquadrado por um discurso médico, o intelectual procurou valorizar suas formas de sociabilidade e manifestações populares (Lima e Botelho, 2013). Aliás, Mário de Andrade também foi retratado por Portinari (Figura 6), mas a bico de pena (este provavelmente um esboço bem rápido, pois era um estudo para um retrato acabado). Ambos de origem humilde, Mário de Andrade e Josué de Castro também partilhavam a sua ascendência mestiça – ambos eram mulatos, para usar um termo da época, o que os tornava vulneráveis ao preconceito quando se misturavam com uma elite conservadora.



Figura 6. Esboço para retrato de Mário de Andrade, João Candido Portinari, 1935, bico de pena, 11 x 17 cm, FCO 5604, Catálogo Raisoné: CR-513 (<http://www.portinari.org.br/#/acervo/obra/5604/detalhes>)

Em sua visita às regiões áridas do Nordeste, no final da década de 1920, Mário de Andrade testemunhou a miséria ao seu redor. Em Caicó, ele percebeu a suspensão da construção da estrada que ligava o Rio Grande do Norte à Paraíba pelo Governo Federal, deixando 400 famílias sem salário e assistência, lutando para sobreviver no ambiente desfavorável: 'a seca tornou-se palpável, fome, morte ou deserção' (Andrade 2002, p.626). Nessas circunstâncias, reagiu veementemente contra a reputação indiscutível da célebre obra de Euclides da Cunha:

Pois eu garanto que *Os Sertões* é um livro falso. A desgraça climática do Nordeste não se descreve. Carece ver o que ela é. É medonha. O livro de Euclides da Cunha é uma boniteza genial, porém uma fabricação hedionda. Repugnante. Mas parece que nós brasileiros preferimos nos orgulhar duma literatura linda a largar da literatura de uma vez pra encetarmos nosso trabalho de homens. Euclides da Cunha transformou em brilho de frase sonora e imagens chiques o que é cegueira insuportável deste solão; transformou em heroísmo o que é miséria pura, em epopeia... Não se trata de heroísmo não. Se trata de miséria, miséria mesquinha, insuportável, medonha. Deus me livre de negar resistência a este nordestino resistente. Mas chamar isso de heroísmo é desconhecer um simples fenômeno de adaptação. Os mais fortes vão-se embora' (Andrade, 2002 p.262-264).

Mencionando as medidas ineficientes do Governo Federal, que tiveram pouco impacto na vida do “proletariado rural”, Mário de Andrade forneceu uma imagem clara dos benefícios económicos da migração de “moços fortes” para as regiões do Sul do

país. Brasil, atribuindo a penúria do sertão aos latifúndios “que ainda existem colonialmente aqui” (Andrade, 2002 p.265). Desta forma podemos perceber uma convergência tangível entre o pensamento de Mário de Andrade e Josué de Castro.

Gostaria de concluir estes comentários com uma última imagem – desta vez um still de uma imagem em movimento, a imagem do homem-caranguejo (neste caso, a da mulher-caranguejo: Figura 7). Esta imagem foi retirada do documentário Josué de Castro – Cidadão do Mundo, de Silvio Tendler (Tendler, 1994). As cenas comoventes do mangue, onde pessoas e caranguejos se misturam indistintamente na lama, são habilmente editadas com a narração do famoso ator José Wilker lendo trechos do romance Homens e Caranguejos de Castro (Castro, 1967). No seu prefácio, Castro afirma abertamente

de tudo o que vi e aprendi na vida, observando êstes vários tipos de sociedade, fui levado a reservar, até hoje, a maior parcela de minha ternura para a sociedade dos mangues – a sociedade dos caranguejos e a dos homens, seus irmãos de leite, ambos filhos da lama’ (Castro, 1967, p. 16)



Figura 7. Still de Josué de Castro – Cidadão do Mundo (Silvio Tendler, 1994).

A compaixão de Castro para com esta “sociedade anfíbia”, espremida entre duas estruturas económicas, a do capitalismo e a do feudalismo agrário (Castro, 1967, p.16), anda de mãos dadas com a empatia de Mário de Andrade para com a população brasileira do interior do país. O pai de Castro fugiu da seca de 1877 e os relatos dele sobre a mesma causaram uma profunda impressão em Josué de Castro. Mas foram as águas barrentas do rio Capibaribe que alimentaram sua imaginação. Como ele relata,

A verdade é que a história dos homens do Nordeste me entrou muito mais pelos olhos do que pelos ouvidos. Entrou-me por dentro dos meus olhos ávidos de criança sob a forma dessas imagens que estavam longe de serem sempre claras e risonhas (Castro, 1967, p.18-19).

Como Davies diz com propriedade,

Aqui há algo inusitado neste caldo de caranguejo antropofágico: na formulação de Castro, os caranguejos são ao mesmo tempo irmãos adotivos e jantar. Mas o emaranhado de corpos e ambientes é sempre estranho e desconfortável (Davies, 2022, p. 245-246).

Há muito mais para desfrutar no livro de Davies. Aqui segui apenas um fio – o da visualidade da fome – que me prendeu a imaginação. Os futuros leitores descobrirão, sem dúvida, muitos outros caminhos emocionantes na vida e obra de Josué de Castro que este livro inspirador abre.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz*, edit. Telê Porto Ancona Lopes, Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2002.

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de e LOGATTO, Rosângela. 'Imagens da seca de 1877-78 no Ceará: uma contribuição para o conhecimento das origens do fotojornalismo na imprensa brasileira', *Anais da Biblioteca Nacional* 114 (1994) 71-83.

CARVALHO, Leonardo Dallaqua de. 'Higiene Brasileira: as lições de Belisário Penna para as escolas normais', *Revista História da Educação* (Online), 25 (2021) 30pp, p. 6. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/100569>.

CASTRO, Josué de. *Homens e Caranguejos* (São Paulo: Editora Brasiliense, 1967).

DAVIES, Archie. *A World Without Hunger: Josué de Castro and the History of Geography* Liverpool: Liverpool University Press, 2022.

LIMA, Nísia Trindade e Botelho, André. 'Malária como doença e perspectiva cultural nas viagens de Carlos Chagas e Mário de Andrade à Amazônia', *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* 20: 3 (2013) 745-763.

MARTINS, Luciana. *Photography and Documentary Film in the Making of Modern Brazil* (Manchester: Manchester University Press, 2013), pp. 5-6.

MELO, Normando Jorge de Albuquerque. 'Josué de Castro antes da fome', *Aurora* 4: 1 (2010), 140-152.

SANTOS, Luiz Antonio de Castro e Figueiredo, Regina Érika Domingos de. 'Belisário Penna, Combatente: um capítulo da história da saúde pública brasileira', *Saúde e Sociedade* 21: 4 (2012) 848-857, p. 849.

TENDLER, Silvio. *Josué de Castro – Cidadão do Mundo*  
<https://www.youtube.com/watch?v=LFzNVo8KIKg>, acessado em 29 de setembro de 2023.

THIELEN, Eduardo Vilela; Alves, Fernando Antonio Pires; Benchimol, Jaime Larry; Albuquerque, Marli Brito de; Santos, Ricardo Augusto dos e Weltman, Wanda Latmann. *A ciência a caminho da roça: imagens das expedições científicas do instituto Oswaldo Cruz ao interior do Brasil entre 1911 e 1913* (Rio de Janeiro: FOCRUZ/Casa de Oswaldo Cruz, 1991).